

## ANTONIO CARLOS EVA

José Lopes das Neves Neto,<sup>1</sup> São Paulo

joseneves.1040@gmail.com

Lembrei-me vagamente de uma referência que o Eva havia feito a um poema de Fernando Pessoa em um de seus textos. Mas não me lembrava do texto e nem mesmo do poema. Apenas me lembrava de alguma coisa como “tinha levado uma porrada”! Conversando com a Evelise, ela localizou o texto em que o Eva falava do tal poema e me enviou.

O texto fora apresentado nesta Sociedade em agosto de 2002 com o título de “A influência de Bion em meu trabalho clínico”. Nele vi que o poema de Fernando Pessoa é intitulado “Poema em linha reta”, e trata de um sentimento incômodo e perturbador do poeta. As primeiras linhas ilustram o que chamou minha atenção:

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.  
 Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.  
 E eu tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil...

Eva diz em seu texto que faz suas as palavras de Fernando Pessoa, mas toma a liberdade de destacar uma diferença fundamental: Eva percebe “os dois sujeitos do poema (eu e o outro) em si mesmo”.

Em uma composição quase poética, Eva escreveu:

Por vezes um deles está calmo e de acordo com suas qualidades, vivendo lado a lado com o outro; mas, por vezes, em guerra sem quartel, uma verdadeira guerrilha, não me deixando terra onde possa me instalar ...

E um pouco à frente complementa: “por vezes um terceiro aparece e tenta equacionar a relação entre os dois”.

O texto prossegue... e sua leitura nos dá uma ideia do trabalho incansável desenvolvido pelo Eva na aproximação de “si mesmo”, sua integridade, e isso até era possível observar por meio de seu respeito na relação com o outro e com os outros, além da sua frequente manifestação do limite de seu saber.

Do meu convívio com o Eva, sobretudo no grupo “Conversas Psicanalíticas”, fica a lembrança de uma pessoa singular, com uma rara capacidade agregadora. Vivia com liberdade e perspicácia sua função de coordenador do grupo.

1 Membro associado da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP).

Sua experiência em conduzir grupos vem de longe, desde os anos 1970, quando o psicodrama era uma esperança enquanto técnica mais consistente para “lidar” em grupos com o sofrimento psíquico dos indivíduos. Imagino, entretanto, que sentisse as limitações do método grupal para lidar com o sofrimento psíquico dos indivíduos. Não por acaso, a obra de Bion despertou seu interesse.

A experiência com grupos descrita por Bion, e depois os trabalhos com base na clínica de psicóticos, abriu um novo horizonte para os profissionais daquela época, que sentiam a necessidade de aprofundar seus recursos internos para lidar com perturbações desse nível.

Nos escritos que Eva nos deixou percebe-se claramente esse interesse.

Ficou conhecida a sua decisão, quando surgiu a pandemia da Covid, no início de 2020, segundo a qual para ele não era possível, no exercício da função analítica, abdicar do contato presencial com seus pacientes.

E hoje sabemos que, mesmo em atividades grupais, quando realizadas presencialmente, as interações entre os participantes estimulam mais os níveis subjetivos que formam uma espécie de “bandas” de comunicação subliminares que podem liberar com mais facilidade a intuição dos participantes, tornando assim o encontro mais vivo e dinâmico.

O Eva se foi, mas seus rastros estão presentes em nossas mentes. Lembro a passagem do Gato de Cheshire (o gato que ri, o gato risonho) em *Alice no país das maravilhas*: num momento está lá, presente, noutro desaparece, e fica seu largo sorriso. O largo sorriso do Eva – seus rastros invisíveis – ficou.

Lembro a metáfora que o Eva usava para descrever a nossa sociedade: um amplo guarda-chuva que consegue abrigar várias tendências.

Sabemos, entretanto, que, para abrir e manter um guarda-chuva aberto e amplo, uma sociedade necessita contar com personalidades como a do Eva.

As suas características de agregador e a perspicácia diante de grupos muito contribuiu para o atual formato de nossa Sociedade, em especial, do grupo interessado na obra de Bion.

A sorte de quem com ele conviveu é que esses traços podem tornar-se presentes em muitos de nós e indicar um horizonte possível a ser seguido.

Toda vez que deparamos com uma personalidade vigorosa... temos a possibilidade de desenvolver a gratidão inspirada nesse contato e, assim, expressá-la por meio de nossa disposição em aprimorar os recursos de nossas funções, entre as quais, por exemplo, a que exercemos nesta Sociedade.

Obrigado, Eva.

## FRAGMENTOS DE UMA ENTREVISTA<sup>1</sup> COM ANTONIO CARLOS EVA<sup>2</sup>

– *Fale um pouco sobre sua trajetória e como foi o caminho para chegar à psicanálise?*

Eva – Tenho 83 anos, são muitas idades... Quase fui pediatra... Na psiquiatria conheci meu primeiro psicanalista, Isaias Melsohn, fiquei encantado com sua cultura, assim comecei a psicanálise.

Depois, fiz uma segunda análise com Laertes de Moura Ferrão, um gênio solto do mundo. Gostei muito, fiz primeiro o curso teórico com ele, uma primeira supervisão e depois fui seu analisando por volta de de cinco ou seis anos. Quando a análise terminou, ficamos muito amigos. Ele me ajudou bastante na vida mental. Era um homem fora do seu tempo. Essa coisa de hoje, de experiência emocional, ele era muito bom analista.

Eu vi Bion poucas vezes, o que me fez falta, pois, na ocasião que Bion veio ao Brasil, eu fazia psiquiatria, psicanálise e psicodrama, que começava naquela época, mas, paulatinamente, fiquei mais interessado em psicanálise, até parar de fazer psicodrama e virar psicanalista. Eu estou só no consultório há uns 30 anos, 40 anos. A força do psicodrama é o grupo.

Quando entramos na Sociedade, a psicanálise estava muito próxima da psiquiatria, que era uma coisa da medicina. Então, é claro que a formação tinha um modelo médico.

– *Freud também partiu desse modelo médico.*

Eva – Sim, o modelo médico é muito importante. Vou contar um pouco de como faço hoje. Hoje, eu vou atender uma pessoa que quer um primeiro horário. Não pergunto nada para ela. Mas a pessoa tem uma grande vontade de contar as dores que tem, os sintomas que tem, o que está acontecendo na vida dela, e ela vem para o médico cuidar dela. O meu sistema é de trabalhar só com a experiência presente. Isso é uma grande mudança.

Não é à toa que até hoje não se regulamentou a profissão de psicanalista. Hoje a Sociedade como um todo perdeu muita força para dizer quem é psicanalista ou não é. Há 30 anos, ninguém dizia que era psicanalista se não fosse da Sociedade. E, se dissesse, a gente obrigava uma pessoa a se retratar. Hoje várias pessoas se declaram psicanalistas independentes da Sociedade.

1 Fragmentos reeditados de uma entrevista realizada em 2019 por Beatriz Helena Peres Stucchi, Evelyn Pryzant e Regina Maria Rahmi.

2 Membro efetivo e analista didata da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). Coordenador do grupo “Conversas psicanalíticas”.

– *Qual valor da psicanálise em sua vida?*

Eva – A psicanálise mudou a minha vida. Fiz duas análises. No dia a dia não se percebe a mudança que acontece com você. Você não dorme de um jeito e acorda de outro. É uma mudança lenta, vagarosa, mas você começa a ter uma outra ideia do que é o mundo, o que é a personalidade.

– *Por que Bion, hoje em dia?*

Eva – Na minha análise com o Ferrão descobri um modelo de trabalho. A Sociedade de Psicanálise precisa batalhar muito para não perder a ideia de que primeiro se faz análise, e o resto é o resto. Porque é ali que se modifica e aprende.

– *E a supervisão?*

Eva – Supervisão é falar sobre, não é a experiência, a experiência mesmo é na análise. A supervisão até ajuda, mas poderia ser uma experiência parecida com a análise. Dos supervisores que conheço, poucos fazem isso.

A análise é uma coisa incrível. Por exemplo, hoje eu comecei a análise com uma pessoa de 50 anos que fez uma tentativa de suicídio, mas não veio fazer análise por isso. Quando chegou, falou: “você não vai me perguntar nada?” Respondi: “Não. Você já está espantada, porque eu não perguntei nada”. Isso só acontece na análise, ninguém mais faz isso. Quando vamos ao médico com dor no joelho, ele pergunta: “Quando começou? Como aconteceu?” Existe esse modelo médico, que a psicanálise está perdendo, lentamente; é uma mudança importante.

– *Nesse sentido, muda o modelo de cura?*

Eva – Muda. O que me interessa é como a pessoa desenvolve o pensamento. Tenho fé de que isso só muda na experiência presente, também é uma mudança importante. A Sociedade, hoje em dia, está pouco interessada na patologia dos clientes. Antigamente se ofereciam cursos a respeito de psicopatologias. Atualmente, sabe-se que o analista depende da cabeça dele para trabalhar, ele precisa cuidar de sua mente, e a Sociedade está oferecendo melhores oportunidades para isso. Estamos passando por uma crise de clientes, muitos psicanalistas se queixam de estar trabalhando menos, porque é muito difícil propor sessões quatro vezes por semana. Além de uma longa duração, uma análise precisa de alta frequência de sessões. Não funciona de outra forma.

Desde Freud, o mundo sempre quer soluções rápidas. No consultório, quando você diz quatro vezes por semana, perguntam se você está louco.

Uma das dificuldades da psicanálise é que ela não é capaz de ser curta e eficiente, não se consegue. Se estivermos convencidos disso, trabalharemos no modelo longo e vagaroso.

*– E a respeito da diversidade de pensamentos na Sociedade?*

Eva – Desde que eu me conheço como membro da Sociedade, existe o perigo de ela se dividir. O que nunca aconteceu. Temos inúmeras divisões, que convivem entre si. Espontaneamente, formaram-se grupos de estudo, que são quase que minissociedades, para discutir algum assunto. Por exemplo, nas Conversas Psicanalíticas que coordeno, reunimo-nos para discutir experiência emocional. Outros trabalham com psicossomática, outros são kleinianos etc. Acredito que essa divisão acalmou o clima político da Sociedade, é uma boa solução para grupos de trabalho a longo prazo. O currículo da nossa Sociedade também se alterou ao longo do tempo.

A Sociedade é inteligente para se adaptar às solicitações.

*– Isso acontece porque a Sociedade cresceu muito, ou sempre foi assim?*

Eva – Diversidade sempre existiu, porque são modelos diferentes de pensar a personalidade, de pensar a psicanálise. Não se pode fazer um acordo geral para encontrar um modelo único e bom. Temos vários modelos, cada vez mais específicos, mais diferentes, que ajudam a pessoa a trabalhar.

*– Foi você criou a ideia de formação continuada?*

Eva – Sim, e deu uma boa encrenca. Quando eu estava na Comissão de Ensino, criei a formação continuada: após concluir a análise e as duas supervisões, mesmo sem entregar os relatórios, a pessoa continuaria frequentando a Sociedade fazendo pelos menos um curso. Funcionava, ela ganhava experiência e aprendia com os outros, mas a questão é que alguns estão há 30 anos na formação continuada. Em princípio não tenho nada contra.

*– Por que essa questão angustia tanta gente?*

Eva – A Sociedade perdeu a força para dizer quem é psicanalista ou não. Muita gente que não está na Sociedade se declara psicanalista, e estamos calmos com essa gente. A Sociedade contribui muito para você se desenvolver como analista, dá muita oportunidade.

– *Qual impressão Bion te causou?*

Eva – O que é mais impressionante em Bion é como ele saiu dos fatos e mostrou o que era uma experiência emocional, calmo, sem pressa. Só o ouvi algumas vezes. A psicanálise mundial perdeu esses gênios, não temos um gênio atualmente. Tivemos Freud, Melanie Klein, Bion, Laplanche, essa turma francesa, todos descobriram muitas coisas, rapidamente. Tudo isso está mais estabilizado hoje, é difícil que um grupo organizado como a nossa Sociedade crie ambiente para aparecer um novo gênio. Um gênio precisa de lugar para aparecer sozinho, precisa de um grupo que o ajude a se apresentar. Bion é um gênio, inventou muitas coisas que estudamos até hoje. Quando lemos um livro do Bion de 1962, tudo é novidade. Não é uma Bíblia, é algo novo.

– *Como falar sobre os mais velhos que não têm outra geração para entregar o bastão para levar em frente.*

Eva – Talvez seja uma implicância dos mais velhos que querem ver os mais novos andando. Tenho a sensação de que falta uma geração mais próxima de nós se desenvolvendo. Precisamos lembrar que a vida é curta, não temos todo o tempo do mundo. A psicanálise precisa ser criada todos os dias. Se for só repetir, ela morre em um instantinho. Ela solicita que você invente. Ela não pode não inventar. Aprendemos que não se pode apressar as pessoas.

A Sociedade precisa tomar cuidado para não virar uma universidade. Porque, se for universidade, deixa de ser psicanálise.

– *Que recado você deixa pra nova geração?*

Eva – Que vai ser mais difícil do que foi pra mim, por várias razões, uma delas é que o mundo quer coisas mais rápidas e fáceis.

– *O que é preciso fazer para ser um psicanalista?*

Eva – Fazer análise, fazer análise. O resto, você descobre. Essa é a invenção genial do Freud: para virar analista é preciso fazer análise. Falar sobre, ensinar, é outra coisa, o lugar de aprender é no divã.

– *E o peso da supervisão?*

Eva – Atualmente eu só dou uma supervisão. Eu não percebo como eu faço isso. Mas fui me afastando de fazer supervisão. Porque acho que é mais importante fazer análise. O resto é consequência.